



# Apenas um Depoimento e o “Exílio” de Chaves

ANA MARIA AMARO\*

Conheci o Padre Manuel Teixeira em Macau na década de 60 do século XX. Trabalhámos no Liceu e depois na Escola do Magistério Primário. A sua fama de historiador estava ligada a outros nomes: Prof. Charles R. Boxer, Pe. Benjamim Videira Pires e o macaense Luís Gonzaga Gomes. Naquela altura, o meio intelectual de Macau era praticamente uma ideia e não um facto.

Mas aquele que veio a ser Monsenhor Manuel Teixeira pelo mérito do seu apostolado e do seu amor pela História de Macau era uma pessoa modesta, apesar de figura carismática, na sua batina branca, tão branca como a sua alma e as suas longas barbas de missionário. “Frei Manuel Teixeira da pêra branca” costumava designar-se, a rir da sua popularidade, e que depois substituiu, quando sozinho habitava o imenso casarão do Seminário no meio de muitos livros poeirentos que eram a sua única e dilecta companhia, por *the last ghost*.

Estes nomes, ou melhor, alcunhas eram-lhe atribuídos por si próprio. E ria-se com aquele seu riso sempre pronto.

Frequentava a nossa casa. Era nosso amigo.

Escrever sobre Monsenhor Manuel Teixeira sem cair na repetição de banalidades só me parece possível, neste momento, recorrendo a passagens mais significativas das suas muitas cartas.



Monsenhor escrevia muito. Nenhuma carta ficava sem resposta. E, em Macau, não eram poucas as cartas que recebia.

Mas foi, porém, em Portugal, em Chaves, seu lugar de “exílio” como dizia, que as cartas passaram a ser as suas companhias e a única quebra na sua monótona rotina na Casa de Santa Marta. As visitas eram, então, uma festa, um verdadeiro prazer.

Fomos visitá-lo pouco depois de ter chegado. Ao vê-lo, ao ouvi-lo, o nosso coração encheu-se de amargura. Aquele roble transmuntano forte que nunca tombaria, que havíamos conhecido em Macau, estava quase irreconhecível. A batina branca, o caminhar difícil e uma imensa tristeza, uma imensa saudade de Macau, a terra onde desejara morrer e ficar para sempre. Tinha sido obrigado a sair. E isso havia-o magoado muito. Veio sem bagagem, sem roupa, sem livros, sem nada. Tudo ficara à espera de ser enviado quando pudesse preencher-se um contentor (foi a resposta que se recebeu).

Fisicamente melhorou. Voltou a dar pequenos passeios em redor da Casa. Começou a escrever pequenas crónicas. Mas a verdade é que Monsenhor Manuel Teixeira parecia ter sido esquecido pela maioria dos que lhe haviam tecido louvores, apoiado e se diziam até seus amigos. Aliás, ele dizia-se amigo de toda a gente. E era de facto amigo de todos que dele se aproximavam porque a sua alma era branca, muito pura como a do menino que deixara Trás-os-Montes e a sua família muitos anos antes para ser missionário no Oriente.

\* Professora catedrática jubilada do ISCSP/UTL (Lisboa) onde exerceu docência de várias cadeiras da Licenciatura em Antropologia e Mestrado. Actualmente exerce a docência de cursos de Pós-graduação e é Directora do Centro de Estudos Chineses do ISCSP/UTL, cargo que exerce desde 1988, e professora de Instituições Culturais da China do Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas.

*Professor at ISCSP/UTL (Lisbon), where she taught several subjects to the Anthropology course, and Master's degrees. Today she teaches at post-graduate level, and has been the Director of the Centre for Chinese Studies at ISCSP/UTL since 1988. She also lectures on the Cultural Institutions of China in the Studies in Chinese Language and Culture course.*

## IN MEMORIAM: MONSENHOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)



Oficial da Ordem do Império Colonial (1952).

Numa das últimas cartas que nos escreveu antes de adoecer, em Macau, onde assistiu à transição do território para a China com o coração profundamente ferido, Monsenhor dizia:

“Macau, 14.8.99

... Sabe? Este ano celebro 3 jubileus.

I - 75 anos de chegada a Macau (27.10.24 – 27.10.99)

II - Ordenação sacerdotal (29.10.34 – 29.10.99)

III- Primeira Missa (1.11.34 – 1.11. 99).

Do Conservatório de Lisboa veio cá um grupo abrilhantar a Missa: Nuno Vilalonga e sua esposa Sãozinha Galante, o maestro Armando Varela e um tenor espanhol.



Macau está desapontado: Por objecção da China, o Papa não pode vir cá em Novembro (como estava programado) nem sequer fazer-se representar no ‘handover’ de 20.12, para o que estão convidadas 10.000 pessoas.

Assim funciona a genial invenção de Deng Xiao Ping “Um país e dois sistemas”. Afinal o Dragão Vermelho tem a batina branca dum velho de 79 anos...”

Noutras cartas falava-me com entusiasmo do seu “Clube da Alegria”, dos passeios por Macau e pelos arredores da Pousada de Mong-Há, dos grupos de japoneses que o visitavam e lhe pediam para os casarem em Macau. Dava-lhes sorte...

Esta vida activa, as atenções, o carinho que recebia, a veneração que merecia e sentia que por ele tinham, terminaram no dia em que deixou Macau.

E era exactamente a frustração, a sensação de abandono, de solidão, de coisa que se coloca num arquivo ou numa prateleira, fora de uso e sem préstimo, que minava e atormentava os dias de Monsenhor em Chaves. Escrevia pequenas crónicas que ninguém publicava, oferecia-se para fazer palestras e falar sobre Macau, e ninguém ouvia. Foi homenageado, sim. Assistimos a essa homenagem que alguns amigos mais forçaram do que promoveram, mas Monsenhor não precisava de uma homenagem. Precisava de amigos. Precisava de interlocutores. Precisava de sentir que estava vivo e que podia servir para alguma coisa.

“Chaves, 28.4.03

... A notícia do Prémio Identidade de Macau foi enviada ao Pe. Albino Lopes, capelão desta Casa, por uma senhora que eu desconheço, à qual agradei imediatamente. O capelão deu-me o fax e eu respondi logo à dita senhora desconhecida, que suponho terá informado o Rangel.

Recebi felicitações de outras entidades, a que respondi imediatamente.

Há uns 20 ou 30 anos, a antiga superiora desta Casa de Anciãos Desamparados pediu-me a vida do fundador desta Casa, Pe. José Pita Lages, e eu, que conheci o Pe. Pita em 1924, consultei toda a documentação e remeti-lhe a vida completa.

Mais: pedi ao Eng. Guimarães Lobato, meu íntimo amigo, que subsidiasse a publicação e ele prometeu. Eram mais de 20 páginas. Agora soube que aqui guardaram esse trabalho e nunca lhe tocaram. Disseram que haviam pedido ao capelão que revisse o trabalho. Até agora, nada de nada. E eu já não posso

## IN MEMORIAM: MONSIGNOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)

voltar ao trabalho que me diziam estar nas mãos do capelão, dr. em letras. Este ‘desprezo’ fez-me desanimar, pois estava tudo passado à máquina. Com 91 anos já não é possível recomeçar.”

“Chaves, 26.4.03

... Creio que já lhe disse que faleceu o Pe. João Baptista Guterres, natural de Macau. O Pe. João Paulo de Sousa, também de Macau, está há muitos anos no Asilo de S. Luís, S. J., de Coloane, cego e sem poder andar. É um calvário agreste e doloroso. Foi meu aluno no Seminário e meu coadjutor em Singapura.

O meu aniversário foi aqui celebrado com todos no refeitório e muitas cartas de amigos de Macau e Portugal. Eu cá vou arrastando-me por estes longos corredores e saudando os canários nas suas gaiolas. Melhor seria que andasse a voar pelo azul dos céus. Recebi também parabéns do Gen. Rocha Vieira e esposa; eles nunca se esquecem.

De Bragança recebi um volume de mais de 400 pgs., do Guedes de Amorim e outro, ‘Assim era João XXIII’; já li este 2 vezes e o 1.º, estou a lê-lo.

De resto, celebramos na igreja todas as cerimónias litúrgicas. Visitas são cada vez mais raras.

A guerra foi assunto da TV durante mais de um mês.”

“Chaves, 3.6.03

... Como sabe, publiquei inúmeros vols. sobre a nossa história no Oriente, mas mandei tudo para o Centro Científico e Cultural de Macau e aqui nada tenho e ninguém se interessa pela nossa história oriental.

Logo que aqui cheguei, ofereci às Irmãs conferências sobre Portugal no Oriente. Nunca me responderam. Hoje só se interessa por esse assunto a querida D. A. M. A., que se tem mostrado incansável.

O Joaquim Prada só se interessa pelos euros e passa a vida no Banco em Lisboa. Raramente o vejo. Tem nele um grande admirador e quando aqui vem, passamos o tempo a falar na D. A. M. A.

Quanto às minhas memórias, já tenho 91 anos e não tenho genica para isso. No entanto, escrevo todos os dias um artigo que guardo numa pasta. Mandei uns



## IN MEMORIAM: MONSENHOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)

70 para o Porto, mas nem me responderam. Assim, nada feito.”

Na segunda metade de Agosto estive no Norte e no dia 23 de Agosto fui a Chaves visitar Monsenhor Manuel Teixeira. Ficou contente de me ver.

Repetia várias vezes, estas palavras: “Estava no Céu e agora estou no Inferno”.

Estas foram, talvez, as últimas palavras que lhe ouvimos como desabafo da sua amargura.

A meu pedido deu-me algumas das suas crónicas e o seu testamento.

### AS TRÊS PALAVRAS MAIS PROFUNDAS DA TERRA

Foram proferidas durante o auditório mais selecto e têm sido meditadas profundamente durante 2.000 anos pelas almas mais cultas e mais santas que têm vivido no mundo.

Eu confesso que as medito diariamente e que sempre me comovem e me dão força para viver.

Que palavras são essas?

*In ipso vivimos et moremus et sumos*: vivemos nele, nele nos movemos e nele existimos.

Em quem? Em Deus.

Se vivemos, foi Deus que nos deu a vida e no-la continua a dar a cada momento.

Se nos movemos, é Deus que nos dá a força para andar, respirar e mover qualquer membro.

Se existimos, é Deus que nos prolonga a vida que nos deu.

Um piano só dá som se os dedos tocam nas teclas, se não, há absoluto silêncio.

Se Deus retira de nós a sua mão, volvemos à terra donde fomos tirados.

Ninguém pode acrescentar um minuto à sua existência.

Bom seria que nós meditássemos todos os dias nestas palavras pronunciadas por S. Paulo no Areópago Ateniense, de que saiu convertido Dionísio Aeropagita.

E nós quando nos converteremos?

### O MEU TESTAMENTO

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Tudo o que eu tenho, foi de Deus que o recebi e é a Ele que o quero dar na pessoa dos pobres.



Com os pais e irmãos em Freixo de Espada à Cinta, c. 1923.

## IN MEMORIAM: MONSIGNOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)

Creio que não devo nada a ninguém.

Estou na Casa de S. Marta de Chaves há um ano, mas de Macau remeti para esta Casa umas 60 mil patacas que devem chegar e sobrar para minhas despesas feitas ou a fazer.

Quanto à minha família, tenho apenas uma irmã, Benvinda de Jesus Teixeira, que é Religiosa do S. Coração de Maria em Braga e, como tal, nada precisa. Acresce que eu lhe paguei toda a sua educação.

Tenho ainda uma sobrinha, Maria Regina Guerra Teixeira Corvo, casada com um tal Corvo. Ela já recebeu a herança dos meus pais e de nada precisa.

Possuo várias propriedades em Freixo de Espada, que lego aos pobres na pessoa do Pároco de Freixo. Por exemplo, Vale Madeira, Tomar e não sei que mais. Fica tudo para a Paróquia de Freixo, sendo o seu rendimento para os pobres.

A batina branca que costumo usar lego-a ao Pe. Albino Lopes, capelão da Casa de Santa Marta.

A imagem do S. Coração de Jesus de prata fica para a minha irmã Benvinda de Jesus Teixeira.

Os brasões dos municípios das Câmaras Transmontanas são para o Museu de Freixo de Espada à Cinta, incluindo o brasão dos Bispos de Bragança.

Como nada trouxe para este mundo, também nada quero levar deste mundo.

Irei assim mais leve para o Céu.

Nomeio minha testamenteira minha irmã, Benvinda de Jesus Teixeira, Religiosa do S. Coração de Maria, residente em Braga com as religiosas da mesma Congregação.



Escreveu-me logo a seguir, no dia 27.

“Chaves, 27.8.03

Caríssima D. A. M. A.

A sua visita com o mútuo amigo Paulo de Menezes e Esposa foi um bálsamo nesta solidude de analfabetos. A queridíssima D. A. M. A. insiste comigo, para eu continuar com os meus artigos. Isto vem ao encontro dos meus ardentes desejos. Mas aqui tudo se opõe a isso; os horários opõem-se ao meu

trabalho. As serventes têm de fazer o seu trabalho de limpeza e eu só posso entrar no meu quarto cerca do meio-dia, hora do almoço. A tarde é preenchida com as devoções na igreja.

Mas há outro senão: eu deixei em Macau 6.000 ‘pequenas doses’. O nosso mútuo amigo R. Vieira incumbiu o Gabinete de Comunicação Social, mas eles nada fizeram.

Outro que trabalhou para reunir todos os meus artigos e trabalhou muito para isso foi o Prof. Doutor A. R. B., que fez a maior recolha possível, mas depois desistiu. A querida D. A. M. A. ou o Sr. Paulo de Menezes podiam contactá-lo. Ele é um óptimo católico e muito meu amigo.

Creio até que será o único que poderá reunir tudo o que se pode reunir; ele andou muito entusiasmado com esse trabalho.

Eu aqui nada posso fazer. Mas ficarei eternamente grato a quem levar a cabo esse trabalho. É favor comunicar isto ao amigo Paulo de Menezes, que me parece ser a pessoa mais indicada.

Agradeço mais uma vez a visita dos dois amigos que muito trouxe imensa alegria.

Mil saudades do amigo muito grato,  
P. M. Teixeira”

Respondi-lhe e enviei-lhe um guião para que Monsenhor pudesse preencher os seus dias escrevendo as suas memórias dispersas em vez de pequenas crónicas.

E no dia 15 de Setembro, cerca do meio-dia, tive a notícia, por telegrama, da sua morte. As Irmãs comunicaram-me o ocorrido. Foi uma notícia brutal, por inesperada. Dois dias depois recebi a sua última carta.

“Chaves, 12.9.03

... A perseverança tudo alcança. Foi o que sucedeu com a boa Amiga Dra. A. M. A.

Apesar dos horários impossíveis desta CA de Idosos vou tentar seguir o seu engenhoso guião e rabiscar os traços da minha pobre vida.”

Foi então que tão insólita mensagem me chocou profundamente. Monsenhor finalmente encontrara uma razão para viver.

O historiador que colecionava e transcrevia documentos deixou-me este último documento que junto aos outros que me entregou nos últimos dias da sua vida. **RC**

